

**PROJETO “ADOLESCENTE E SABER”:
O QUE OS JOVENS EM SITUAÇÃO DE EXCLUSÃO NOS
ENSINAM SOBRE IMPASSES ESCOLARES?**

Larissa Brunna Marques Emerick (UFMG)
larissae.pedag@gmail.com

Libéria Neves (UFMG)
liberianeves@gmail.com

O presente trabalho, vinculado a uma pesquisa em desenvolvimento junto ao Programa de Mestrado Profissional em Educação e Docência – Promestre, da Faculdade de Educação da UFMG, busca dialogar a partir de algumas contribuições do Projeto de Extensão Universitária “Adolescente e Saber”, uma das ações do Programa de Extensão Janela da Escuta, da Faculdade de Medicina da UFMG, que visa realizar intervenções junto a adolescentes que apresentam impasses com a aprendizagem escolar (leitura, escrita e cálculos matemáticos), os quais são encaminhados a partir do atendimento médico no Sistema Único de Saúde – SUS.

Para tal, utilizamos os estudos de Silva (2020), Grillo (2022), Albuquerque, Santiago e Grillo (2022) e Silva (2022). De

acordo com Silva (2020), desde a década de 1970, período em que se buscou uma democratização da educação, a partir da ampliação de oportunidades de acesso e permanência nas instituições escolares, até os dias atuais, houve muitos avanços na concepção de alfabetização, nos estudos acerca do ensino e aprendizagem de leitura e escrita, e nas políticas educacionais implantadas para garantir a qualidade da educação. Porém, apesar disso, as taxas de analfabetismo e analfabetismo funcional continuam preocupantes, conforme indicam algumas pesquisas, como por exemplo, o Indicador de Alfabetismo Funcional – Inaf, que em 2018 divulgou um número significativo de estudantes no Ensino Fundamental (anos finais) e no Ensino Médio que se encontram em situação de analfabetismo funcional, sendo 34% e 13% respectivamente.

Cabe destacar que em uma sociedade grafocêntrica como a que vivemos, as pessoas em situação de analfabetismo ficam à margem, são rotuladas, desclassificadas, excluídas socialmente e, muitas vezes, impedidas de alcançar um trabalho de acordo com a legislação trabalhista. Portanto, é preciso

ampliar os estudos acerca desse assunto, como forma de auxiliar na qualidade de vida desses sujeitos.

No Programa, os profissionais, que atuam em diversas áreas do saber, trabalham de forma interdisciplinar – debatem os casos acolhidos, cada um sob sua ótica profissional – e buscam agir a partir das demandas apresentadas pelos adolescentes (GRILLO, 2022).

Ainda de acordo com Grillo (2022), o público atendido é diverso, tendo em vista se dar a partir do SUS, porém, a maioria é constituída de adolescentes pardos/as e negros/as das classes populares, moradores de periferias da capital mineira, muitos dos quais viveram nas ruas e cumprem ou já cumpriram medidas protetivas. Grillo (2022) ressalta que estes jovens comparecem no ambulatório espontaneamente, por sugestão de conhecidos ou por encaminhamento de profissionais da saúde, da assistência social ou da educação.

A metodologia do Programa Janela da Escuta e do Projeto em questão considera o adolescente especialista de si e, desse modo, a este é ofertada a palavra para que possam falar de seus incômodos,

de seus impasses, das soluções encontradas até então etc. Dizem sobre sua vida e, assim, nos ensinam sobre essas adolescências em seus territórios. Nessa perspectiva, para cada caso, é buscado uma articulação única, com as redes da educação, saúde, assistência social, cultura etc. Mas é a partir da fala dos sujeitos atendidos que a rede é constituída, ou seja, é construída com e pelo sujeito. Configura-se, assim, um modo de escuta fora da clínica, dentro de um espaço institucional, direcionada a jovens excluídos, articulando saberes do campo da Medicina, da Psicanálise e da Educação.

Nesse contexto, o Projeto “Adolescente e Saber” visa realizar intervenções pedagógicas com os sujeitos que apresentam impasses escolares. Muitos dos jovens atendidos já evadiram da escola, tiveram o laço enfraquecido com esse espaço e/ou encontram-se em situação de fracasso escolar. Considerando os saberes do sujeito, é realizado um trabalho de despertar novamente o desejo de aprender e de encontrar respostas para suas questões a respeito do saber (GRILLO, 2022).

Parte-se das questões: quais os fatores que dificultam o processo de aprendizado dos sujeitos, especialmente aqueles que chegam à adolescência sem estarem alfabetizados? Existem impasses subjetivos subjacentes a esses impasses pedagógicos? O que podemos aprender com o singular do sujeito nesse processo? Nessa perspectiva, o material essencial à intervenção pedagógica consiste na escuta.

Albuquerque, Santiago e Grillo (2022) ressaltam que esse espaço de escuta pode oportunizar uma nova nomeação (na escola e para o próprio sujeito) daquilo que já foi dado não só como uma dificuldade, mas muitas vezes como deficiência, fracasso, delinquência ou desvio.

Silva (2022) esclarece, fundamentada em Piaget, Ferreiro e Teberosky, que a aprendizagem de leitura e escrita é um processo cognitivo, uma construção conceitual que cada sujeito deve fazer ativamente. Cada um faz essa construção de forma única, considerando sua experiência, a relação com o mundo letrado, as hipóteses elaboradas, a subjetividade. Porém, segundo ela, a maioria das tentativas de explicação do

fracasso escolar excluem a dimensão do sujeito, ou seja, o processo único de cada aluno na aprendizagem de leitura e escrita. Portanto, defende que “será no dizer de crianças e adolescentes com impasses escolares que tanto os profissionais da clínica quanto da educação poderão aprender sobre as singularidades do processo de aprendizagem de cada sujeito” (SILVA, 2022, p. 603).

Portanto, no Projeto Adolescente e Saber, as intervenções pedagógicas são realizadas a partir do que o adolescente traz a respeito dos seus impasses. Considera-se o sujeito como quem pode orientar o trabalho a partir de sua singularidade no processo de aprendizagem, seus interesses, a forma como aprende, as dúvidas, as hipóteses, o que deseja (ou não) compreender, e, principalmente, quando há algo subjetivo ancorado, o adolescente, através da sua fala, poderá renomear, ressignificar e encontrar suas próprias saídas para seus impasses.

Cabe destacar que em situações persistentes de fracasso escolar o trabalho da escola muitas vezes fica refém do saber médico, uma vez que, de acordo com as

políticas de inclusão, é necessário um laudo que indique alguma patologia, antes de agir com apoio pedagógico, materiais especializados e/ou intervenções pedagógicas singulares. Nesse sentido, concordamos com Silva (2020) quando defende a necessidade de um diálogo entre essas áreas – pedagogia, medicina, psicologia, psicanálise – para melhor compreensão dos impasses e, principalmente, a consideração do discurso do próprio sujeito sobre o seu sintoma. Essa é a premissa da teoria psicanalítica, que também nos ajuda a concluir que, além dos fatores biológicos, pedagógicos, sociais, culturais e econômicos envolvidos no analfabetismo, é preciso considerar outros elementos, como o desejo inconsciente, o destino da pulsão e sua satisfação, evitando o desequilíbrio psíquico.

Nessa perspectiva, o Projeto “Adolescente e saber” já atendeu a algumas dezenas de jovens, muitos dos quais localizaram seus impasses, a partir das intervenções, e puderam retificar seus modos de aprender a partir da explicitação dos seus enigmas até então cristalizados sob a forma da dificuldade em construir um conhecimento escolar.

Quanto ao que esse projeto ensina à escola, consideramos que seja uma reflexão para que o professor possa ter uma escuta atenta àquilo que o aluno traz. Ouvir as perguntas, as brincadeiras, as provocações, as ações, a quietude, o silêncio, o discurso. Uma escuta que acolha e oportunize soluções singulares diante dos impasses com a aprendizagem.

Além disso, ensina que, mesmo os casos extremos de dificuldades escolares, não necessariamente se referem a uma patologia, deficiência, desinteresse do aluno ou da família. Há também algo que se refere ao sujeito do inconsciente – de desejo, de sintoma. E que só é possível construir um saber sobre o sujeito a partir dele mesmo, em especial, daquilo que ele tem a dizer.

Confirma-se nesse Projeto um trabalho na interface entre psicanálise e educação. Trata-se de um conhecimento clínico implicado no social, direcionado aos sujeitos historicamente excluídos da escuta – premissa da clínica psicanalítica. O que a educação e a psicanálise podem aprender com cada um desses sujeitos, capaz de contribuir na formação de professores/as? Esta questão abre um campo de pesquisa sobre o qual vem se

debruçando as autoras do presente trabalho.

sob medida. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2022. P. 577-610.

Referências

AÇÃO EDUCATIVA; INSTITUTO PAULO MONTENEGRO: Inaf Brasil 2018: Resultados preliminares - relatório técnico, 2019, 22p. Disponível em: https://acaoeducativa.org.br/wp-content/uploads/2018/08/Inaf2018_Relat%C3%B3rio-ResultadosPreliminares_v08Ago2018.pdf. Acesso em: 07 jul. 2022.

ALBUQUERQUE, Izabela de Freitas Cunha Lins; SANTIAGO, Ana Lydia Bezerra; GRILLO, Cristiane de Freitas Cunha. Os adolescentes e os impasses com o saber: um recorte da clínica no Janela da Escuta. In: GRILLO, Cristiane de Freitas Cunha (org.). *Janela da Escuta: o adolescente especialista de si e a tessitura de uma rede sob medida*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2022. P. 555-565.

GRILLO, Cristiane de Freitas Cunha (org.). *Janela da Escuta: o adolescente especialista de si e a tessitura de uma rede sob medida*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2022.

SILVA, Marlene Maria Machado da. *Eu [não] sei!:* dizeres sobre o “não saber” na alfabetização. 1 ed. São Paulo: Paco Editorial, 2020.

SILVA, Marlene Maria Machado da. Da fala do outro ao que o adolescente tem a dizer sobre sua dificuldade para aprender. In: GRILLO, Cristiane de Freitas Cunha (org.). *Janela da Escuta: o adolescente especialista de si e a tessitura de uma rede*